

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Vidas escolares entrecruzadas por itinerários migratórios: cultura e identidade de nordestinos no Triângulo Mineiro (1950-2000)

Resumo

O trabalho é resultado da pesquisa intitulada “Das *Alagoas* às *Gerais*: Migrantes Nordestinos e Escolarização no Pontal do Triângulo Mineiro (anos 1950 a 2000)”, desenvolvida na Universidade Federal de Uberlândia com o apoio da FAPEMIG. O texto resulta de pesquisa cujo enfoque foi a relação entre os processos migratórios de indivíduos originários da região Nordeste do Brasil e os impactos gerados em suas vidas escolares. A maioria dos migrantes, no início deste processo, vinha dos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba e buscava, em especial, oportunidades de trabalho, mas que significariam quase sempre apenas sua subsistência. Os migrantes rumavam para os novos espaços de sociabilidade, levando consigo seus traços culturais e sua identidade que seriam confrontados aonde chegassem, como no Triângulo Mineiro, espaço de observação dessa pesquisa no período entre as décadas de 1950 e 2000. Tal recorte tem relação com os principais fluxos migratórios para esta região que era apresentada como o novo “Eldorado Brasileiro” onde se buscava suas “oportunidades ilimitadas”. Nestas cidades mineiras, como em Ituiutaba, durante os anos de 1950, foi denominada a “Capital do Arroz”, e em duas décadas sua população aumentou em mais de 40%. Assim, os fluxos migratórios foram fomentados, inicialmente, pela cultura de grãos (arroz, milho, etc.), e posteriormente, pela cana-de-açúcar, quando a presença de alagoanos tornou-se predominante nesta região mineira, de maneira que ainda hoje, todos aqueles que carregam o sotaque do Nordeste são classificados como “os alagoanos”, população marginalizada a partir de critério cultural, constituindo-se em massa indistinta diante da população mineira. Nos anos de 1950, os migrantes se estabeleciam nas fazendas aonde, em muitos casos, chegavam em condição de servidão por dívida atrelada ao seu deslocamento. Um pouco a frente, esses trabalhadores rurais passariam a viver nas cidades, desenvolvendo novas relações nos bairros, igrejas, comércio, postos de saúde e escolas, superando resistências relativas ao seu pertencimento étnico-cultural, uma vez que, todos aqueles que carregavam o sotaque do Nordeste constituíam população marginalizada, especialmente, quando adentravam as escolas rurais ou citadinas, momento em que, em geral, ocorria a primeira interdição com a negação de seu sotaque. Assim, buscamos observar essas relações entre esses grupos no interior das escolas mineiras, para tanto, utilizamos, sobretudo, do recurso à fonte oral.

Palavras-chave: Escolarização; Migração; Identidade Cultural; Nordeste; Minas Gerais.

Introdução

A Ilusão do Migrante
Carlos Drummond de Andrade

*Quando vim da minha terra,
se é que vim da minha terra
(não estou morto por lá?),
a correnteza do rio
me sussurrou vagamente
que eu havia de quedar*

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

lá donde me despedia.

*Os morros, empalidecidos
no entrecerrar-se da tarde,
pareciam me dizer
que não se pode voltar,
porque tudo é consequência
de um certo nascer ali.*

*Quando vim, se é que vim
de algum para outro lugar,
o mundo girava, alheio
à minha baça pessoa,
e no seu giro entrevi
que não se vai nem se volta
de sítio algum a nenhum.*

*Que carregamos as coisas,
moldura da nossa vida,
rígida cerca de arame,
na mais anônima célula,
e um chão, um riso, uma voz
ressoam incessantemente
em nossas fundas paredes.*

*Novas coisas sucedendo-se
iludem a nossa fome
de primitivo alimento.
As descobertas são máscaras
do mais obscuro real,
essa ferida alastrada
na pele de nossas almas.*

*Quando vim da minha terra
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.
Ai de mim, nunca saí.
Lá estou eu, enterrado
por baixo de falas mansas,
por baixo de negras sombras,
por baixo de lavras de ouro,
por baixo de gerações,
por baixo, eu sei, de mim mesmo,
este vivente enganado,
enganoso.*

O poema do mineiro Drummond tem como temática o sentimento peculiar a quem um dia tomou a decisão de deixar sua terra natal e rumar para novos espaços de convívio, trata-se da impossibilidade de negar as próprias raízes, o vazio para alguns e a saudade para outros. Tal

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sentimento acompanha a todos aqueles que acreditaram na *ilusão* de que seria possível sair de seu espaço de origem, abandonando, em definitivo, as *fundas paredes* ou driblando a *rígida cerca de arame* que emolduram a vida de tantos indivíduos que, cotidianamente, buscam o *primitivo alimento*, num esforço de diminuir as distâncias - o vazio -, e aplacar a *ferida alastrada na pele*.

Ao decidirem por deixar a região Nordeste do país, ou outros lugares motivados por diferentes fatores, tantas pessoas - milhões de almas -, carregaram consigo as suas *coisas nas mais anônimas células*, e ao se depararem com as *novas coisas* passaram a ter sua cultura e identidade confrontadas nos espaços de destino, como no Triângulo Mineiro, *locus* de nossa observação e reflexão nesse texto. Uma das motivações desse trabalho surgiu a partir de nossas andanças pelo país, mergulhado no processo de *se perder no espaço*, deparamo-nos com outras histórias de vidas marcadas por itinerários migratórios, porém, não qualquer vida, mas vidas ligadas a um dos episódios do maior processo migratório da história brasileira: os fluxos originados dos estados da região Nordeste.

Em boa parte, esses fluxos tiveram como principal motivação as questões de ordem econômica. Assim, ocorreram desde a América Portuguesa com a transferência de grandes contingentes de indivíduos liberados das plantações de cana de açúcar em decorrência da diminuição dessa produção e rumaram para as regiões mineradoras do estado de Minas Gerais e Goiás. Mais a frente, os fluxos migratórios dos nordestinos tiveram como destino a região da borracha na Amazônia¹, e o café na região Sudeste. No entanto, a grande rota foi estabelecida com o processo de industrialização de São Paulo a partir da primeira metade do século XX, somada a episódios de grandes secas no Nordeste potencializando o caráter de expulsão populacional da região que já penava com a decadência de sua economia. De acordo com Pompeu Sobrinho (1982, p.15):

Na primeira metade do século XX, o Nordeste experimentou 4 secas calamitosas, nos anos de 1915, 1919, 1932 e 1942. À meia centúria, que se iniciara sob a influência da terrível seca de 1900, terminou nas vésperas de um quinto flagelo climático, que se desenrolou, mais ou menos acentuado de 1951 a 1953.

Outro dado importante para compreendermos as grandes mudanças presenciadas no Brasil do século XX, foi o fato de que entre os anos de 1940 e 1970, ocorreu a inversão na relação entre população urbana e rural, passando a primeira de minoritária para majoritária. Esse grande êxodo do homem do campo, motivado pelo sonho de prosperar na cidade e ter acesso a serviços públicos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

como saúde e educação acabou por gerar imensos problemas sociais tais como favelização de grandes centros urbanos, ampliação dos índices de violência, desemprego, analfabetismo, etc.

Nesse trabalho, buscamos observar alguns dos impactos desse deslocamento de indivíduos nos seus processos de escolarização, uma relação pouco observada nos estudos científicos. Assim, analisaremos o objeto desse trabalho em perspectiva sócio-histórica, de forma que na primeira parte do texto, enfocaremos brevemente a história da região do Triângulo Mineiro e a presença do migrante nordestino nela, dando ênfase aos ciclos econômicos baseados na produção de grãos e da cana-de-açúcar atraindo mão de obra barata e portadora de identidade cultural peculiar – o nordestino -, o que gerou desde o início, estranhamento entre os *estabelecidos e os outsiders* (HALL, 2009). Na segunda seção, trataremos em específico da questão relativa a vida itinerante desses indivíduos e os impactos sobre o processo de sua escolarização, destacando suas táticas no sentido de se inserirem nas escolas rurais ou citadinas, momento em que, em geral, ocorria a primeira interdição de cunho étnico-culturalⁱⁱⁱ a partir da negação do sotaque nordestino, de maneira que o migrante deveria demonstrar resiliência visando a sua escolarização, o que nem sempre acontecia.

Para essa seção, utilizamo-nos do recurso a fonte oral, já que se privilegia nessa pesquisa “vozes” silenciadas pela história oficial, especialmente as minorias, como mulheres, camponeses, operários e iletrados, caso de muitos migrantes que chegavam ao Triângulo Mineiro nos grandes fluxos desencadeados a partir de 1950. Segundo Alberti (2008, p.166):

Essa riqueza da História oral está evidentemente relacionada ao fato de ela permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais. Nesse sentido, o pesquisador tem acesso a uma multiplicidade de "histórias dentro da história", que, dependendo de seu alcance e dimensão, permitem alterar a "hierarquia de significações historiográficas", [...] Outros campos nos quais a História oral pode ser útil são a História do cotidiano [...] Histórias de comunidades, como as de bairro, as de imigrantes, as camponesas etc, podendo inclusive auxiliar na investigação de genealogias; História de instituições, tanto públicas como privadas; registro de tradições culturais, aí incluídas as tradições orais, e História da memória.

Acreditamos que a utilização da fonte oral nesse trabalho foi adequada a natureza do objeto: migrantes nordestinos, muitos deles iletrados e na maioria dos casos, viajando com poucos objetos pessoais, não possuindo nenhum registro de sua história pregressa. Assim, tratamos de “vozes silenciadas”, já que mesmo que a sua presença na região tenha sido decisiva para o desenvolvimento econômico, a sua participação nesse processo se manteve praticamente invisível:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“Não encontramos com frequência o migrante nordestino nas páginas dos jornais, com exceção de algumas notícias sobre a seca no Nordeste, breves notas sobre a sua Associação, artigos denunciando o tráfico de trabalhadores ou nas colunas policiais.” (SILVA, 1997, p.16)

Das Alagoas às Gerais: a construção identitária do migrante no Triângulo Mineiro

Em sua origem, habitavam o Brasil centenas de povos nômades e seminômades que buscavam em seu meio a sobrevivência diária, migrantes por natureza se deslocavam daqui para ali, ocupando os espaços sem as rígidas fronteiras políticas, mas subordinados aos obstáculos naturais, de forma que apenas seguiam o *fluxo das águas*ⁱⁱⁱ.

Desnecessário discutir que tal cenário foi amplamente modificado com a chegada dos povos colonizadores, em especial, a presença portuguesa que sedenta por riquezas naturais, fez de Minas Gerais um território marcado pela diversidade e pela dor daqueles trazidos para o trabalho nas lavras de ouro distante de sua terra natal e pela expulsão dos povos ancestrais que viviam nas regiões de mineração. A diminuição da produção do ouro em Minas Gerais fomentou o avanço dos colonos pelos sertões brasileiros em busca de novas possibilidades de enriquecimento, de maneira que, gradativamente, a região que estudamos nesse trabalho fosse ocupada, ainda no século XVIII. Assim, o atual Triângulo Mineiro era conhecido como Campo Grande e fazia parte do território de Goiás ao longo do período colonial:

O movimento de expansão da sociedade colonial para os sertões a oeste de Minas Gerais foi marcada na década de 1730, pela abertura de caminhos que ligavam São João Del Rey Vila Boa de Goiás – a picada de Goiás. Ela cortava a Comarca do rio das Mortes, o alto do Rio São Francisco, Serra da Canastra e adentrava no atual Triângulo Mineiro para sair no sul de Goiás. (MANO, 2015, p.524).

Figura 01: Divisão Administrativa da América Portuguesa (Séc. XVIII)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Mineiro, região chamada de Sertão da Farinha Podre^v pelos *entrantes*. Destacou ainda, a atuação do bandeirante Bartolomeu Bueno do Prado que foi autor de carnificinas autorizadas pelos governantes, destruindo os quilombos na parte baixa do rio Sapucaí.

Como podemos observar pela rápida exposição de fatos acima, a população do Triângulo Mineiro se compôs por itinerários migrantes que conformaram a cultura local por meio da soma da contribuição entre a etnia caiapó (“gentios”), os negros (“calhambolas”) e os colonos portugueses (“entrantes”), cada grupo social com seus objetivos específicos, uns lutando pelo direito a sobrevivência e outros pelo sonho da prosperidade em busca do “Eldorado” que traria a riqueza a qualquer custo.

Avançando pela história dessa região, destacamos outro fator expressivo para a diversidade cultural no Triângulo Mineiro que foi a chegada da ferrovia, com o objetivo de escoar a produção agrícola, em especial, a do café:

A ferrovia chegou ao Triângulo Mineiro pela Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, nascida em 1872, por iniciativa de um grupo de fazendeiros paulistas, para escoar a produção cafeeira. Inicialmente na província de São Paulo, a Companhia recebeu concessão para expandir seus trilhos por Minas Gerais e Goiás. Em 1889, os trilhos ferroviários foram inaugurados em Uberaba, seis anos depois em Uberabinha e, no ano seguinte, em Araguari (DANTAS, 2017, p. 214).

Tal fator foi fundamental para que a região tivesse ampliado o seu contingente populacional, uma vez que a ferrovia levava os produtos agrícolas, mas também trazia migrantes e produtos vindos de São Paulo, assim, o Triângulo Mineiro entre fins do século XIX e início do século XX viu o surgimento de várias cidades, pequenos povoamentos que se constituíram, gradativamente, em expressivos núcleos urbanos, como São Pedro de Uberabinha (atual Uberlândia) que em 1888 foi elevada à condição de município, desvinculando-se administrativamente da jurisdição de Uberaba.

No mesmo ano de emancipação da cidade – 1888 – na Assembleia Legislativa Provincial, tramitavam treze requerimentos de vilas mineiras pleiteando o reconhecimento como município autônomo. Em um contexto mais amplo, as transformações vigentes no país, como a abolição da escravidão e o movimento republicano, ressoaram em várias partes do território, contribuindo com as aspirações por autonomia local (DANTAS, 2017, p.221).

Após o advento da ferrovia que impulsionou o desenvolvimento do Triângulo Mineiro, outro momento de grande crescimento da região foi a construção de Brasília, durante os anos de 1950. A nova capital federal atraiu dezenas de milhares de migrantes que buscavam as oportunidades de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

trabalho na grande obra, assim, uma das rotas para o Planalto Central era por meio das cidades triangulinas, como Uberaba, Uberlândia e Araguari, que fortaleceram seu comércio e também a agricultura:

A construção de Brasília marcou a cidade de Uberlândia nas décadas de 1950 e 60. Ao transferir a capital para o Planalto Central, Juscelino Kubistchek direcionou o crescimento e a expansão do país para o oeste. Se os focos de desenvolvimento do país estavam concentrados nas cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo, o caminho mais acessível de qualquer desses lugares para Brasília teria que, necessariamente, passar por Uberlândia. Assim a vocação comerciante da antiga Uberabinha (...) é ainda mais intensificada e a cidade torna-se realmente um entreposto entre o velho pólo produtor e o novo mercado consumidor. Além disso, a produção agropecuária do município também cresce para atender a população crescente do Planalto e com esse aumento, chega a industrialização para somar-se mais ao processo desenvolvimentista (PMU, 2010, p.20-21).^{vi}

A nova capital federal atraiu muitos migrantes nordestinos para o trabalho na construção civil, contudo, parte desses indivíduos, utilizando-se da nova rota migratória seguiu também para as lavouras do Triângulo Mineiro, atividade que estavam familiarizados. Vejamos um dado sobre a ampliação da produção de grãos, sobretudo do arroz e do milho, no pontal de Minas Gerais:

TABELA 01 – Produção agrícola no Município de Ituiutaba (1955 e 1966-7)

CULTURAS AGRÍCOLAS	Unidade	PRODUÇÃO		Diferença %
		1955	1966/1967	
Arroz	Saco 60 kg	600 000	2 600 000	333,0
Milho	Saco 60 kg	400 000	1 500 000	275,0
Algodão	Arroba	200 000	340 000	70,0
Mandioca	Tonelada	44 000	35 000	(20,5)
Feijão	Saco 60 kg	50 000	40 000	(20,0)
Laranja	Cento	300 000	–	–
Banana	Cacho	200 000	–	–

Fonte: SILVA (2012, p.70)

A migração para o Triângulo Mineiro era estimulada por notícias em rádios e jornais que difundiam essa região como sendo um “novo eldorado”, mas também pelas cartas enviadas por parentes e amigos já estabelecidos na região. Assim, surgiu a atividade do “agenciador de mão de obra” responsável por intermediar mineiros e nordestinos.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Nesse movimento inicial, os primeiros migrantes rumavam diretamente para as fazendas da região, sem saberem seu destino e as condições que os esperavam: “Assim como não escolhiam o patrão, também não escolhiam o tipo de serviço que iam executar. O destino do sujeito só era conhecido quando chegava na fazenda e começava a trabalhar (SILVA, 1997, p.133).” Boa parte do trabalho de destocar o cerrado para as plantações de grãos no Triângulo Mineiro foi feita pelos migrantes nordestinos, habituados a trabalhos duros em sua terra de origem. O povo, saído da região árida do Seridó (interior do Estado do Rio Grande do Norte), parecia ser bastante adaptado a esse tipo de atividade, já que estava acostumado a “enfrentar a rude luta com a natureza” (MEDEIROS, 1980, p. 20)

Porém, pouco a pouco, esses migrantes foram saindo das fazendas “[...] em busca da cidade e do estudo para os filhos e depois, com a crise na agricultura, provocada pelas estiagens no final dos anos 60 e início de 70 (SILVA, 1997, p.101).” Foi ao longo dos anos de 1970, que outro fator importante surgiu estimulando novo fluxo migratório a partir da região Nordeste: a crise do petróleo, cuja consequência seria um novo impulso a produção de cana-de-açúcar com o objetivo de se produzir álcool como alternativa de combustível:

Após as crises de produção do petróleo, o Brasil se viu dependente das políticas externas e percebeu que a base energética fundamentada nesse recurso não renovável podia submeter o país a um contexto de crise econômica. Com o intuito de diversificar as fontes energéticas, o país criou em 14 de novembro de 1975, o Programa Nacional do álcool (Proálcool). (BRITO; REIS, 2012, p.170)

Paulatinamente, a produção da cana se ampliou até que, em fins dos anos de 1980, ocorreu crise de produção do álcool com a diminuição do preço do petróleo, de maneira que somente na década seguinte, que essa atividade se recuperaria, porém, o espaço dessa produção seria reforçado no centro-sul do país e perderia força na região nordeste, criando os fluxos migratórios temporários^{vii} sentido nordeste-sudeste-nordeste: “Segundo dados, a União da Agroindústria Canavieira de São Paulo e Minas Gerais aumentou, enquanto que, nos dois principais estados produtores da região Nordeste, ocorreu uma retração, naquela década (CARVALHO, 2009, p.65).”

Assim, entre os anos de 1950 e 2000 é possível observar dois formatos diferentes de fluxos migratórios nessa região de Minas Gerais:

a) entre os anos de 1940 até fins dos anos de 1960, boa parte dos indivíduos migrou acompanhando o **êxodo rural em massa**, muitos não retornariam a sua terra de origem, já que as viagens nesse período, no “pau-de-arara”, demoravam semanas e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

em condições precárias. Além disso, com o tempo a segunda geração dos migrantes se enraizou experimentando algum grau de ascensão social. b) a partir dos anos de 1970 há um refluxo dos migrantes, relacionada a queda nas atividades agrícolas, mas a partir da década de 1980, com o plantio da cana-de-açúcar, tem início a **migração temporária**, ligada ao período da safra [...] Esse tipo de migração foi facilitado pelo avanço do setor de transportes, cujas viagens passaram a ser feitas em excursões de ônibus, além da pavimentação dos caminhos percorridos entre as regiões (SOUZA, 2012, p.658).^{viii}

Aos poucos, os nordestinos “Espalharam-se por essa vasta região trazendo seu modo de vida, sua linguagem, estabelecendo diferenças, que deram origem a interpretações variadas, gerando explicações, conceitos e preconceitos (SILVA, 1997, p.8).” Com seus hábitos e costumes marcantes, especialmente, pelo uso da *peixeira na cintura*, os *nortistas - pau-de-arara, barriga-verde, Caicó -*, como eram chamados, ficaram conhecidos pelo perfil de gente perigosa que deveria ser tratada com cautela e mantida a certa distância.

De acordo com Silva (1997, p.133): “(...) os nordestinos eram pessoas simples, analfabetas, de costumes e hábitos rudes e que habitavam o interior do Rio Grande do Norte e da Paraíba.” Contudo, com a produção da cana, outros grupos vieram dos demais estados da região Nordeste, especialmente, os alagoanos, e na região receptora desses migrantes – o Triângulo Mineiro -, eles continuaram a ser vistos como uma massa indistinta, alvo de preconceito étnico-cultural por conta de sua origem e sua cultura peculiar:

A discriminação por origem regional é um tema ainda pouco estudado nas ciências sociais brasileiras. Embora a migração nordestina tenha sido sociologicamente investigada em diversas ocasiões, a maioria dos trabalhos relaciona-se à urbanização, à integração ao mercado de trabalho e à participação política. (NÓBREGA, 2007).

A *invenção* do Nordeste, a qual buscava designar uma região brasileira com cultura singular, processou-se a partir do início do século XX, de maneira que antes, o país conhecia apenas a dicotomia norte e sul, por isso, até os anos de 1970, os nordestinos ainda eram chamados de *nortistas*. Assim, o Nordeste “surge na ‘paisagem imaginária’ do país, no final da primeira década deste século [XX], substituindo a antiga divisão regional do país entre Norte e Sul, foi fundada na saudade e na tradição” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 65).

Essa empreitada foi produzida a várias mãos, também por meio do discurso das elites política, letrada e tradicional do país: “O sentimento, as práticas e os discursos regionalistas que

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

iriam dar origem à região que conhecemos, hoje, como Nordeste, emergiram entre as elites ligadas às atividades agrícolas e agrárias tradicionais (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.90)”.

Tal ideário começou a ser construído atrelado ao fenômeno das grandes secas (especialmente, a partir de 1877-79) que colaboraram para a crise da economia regional, atingindo lavouras, rebanhos, além de escravos e homens pobres, o que fomentou a ideia de flagelo associada ao *atraso*. No entanto, os efeitos negativos dessa seca foram além, e chegaram também os setores médios: “Ela, pela primeira vez, atinge com intensidade setores médios dos proprietários de terras, com a falência de alguns, a morte ou necessidade de migração para outros”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007 p. 92).

Em fins do século XIX, a imprensa estava em processo de organização e iniciou tarefa consistente na divulgação das informações pelo país, buscando integração nacional, difundindo sentimentos nacionalistas, ao mesmo tempo em que se definiam estereótipos regionais. Dessa maneira, o flagelo da seca nordestina passava a ocupar o debate tanto na imprensa do sul quanto nas esferas de poder da nação, ganhando espaço nestes discursos inflamados, especialmente, de políticos do norte, que os proferiam no plenário, denunciando a situação e clamando por recursos para aplacar o sofrimento daquela região (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007): “O que afirmamos é que o Nordeste quase sempre não é o Nordeste tal como ele é, mas é o Nordeste tal como foi nordestinizado. Ele é uma maquinaria de produção, mas, principalmente, de repetição de textos e imagens (1999, p. 311)”.

Enquanto espaço regional, vemos que o Nordeste surgiu como categoria que deveria abarcar toda a diversidade de sua cultura, obviamente, uma obra da modernidade pretensiosa e, portanto, portadora de grandes generalizações num esforço de se construir uma tradição nordestina, tal ação foi articulada tanto nos âmbitos da cultura quanto da política. A imprensa do sul brasileiro promovia excursões exploratórias aos estados do norte do país, divulgando suas impressões peculiares que muitas vezes classificavam os seus costumes como estranhos e bizarros, o Nordeste nascia, portanto, a partir do olhar do outro, mas não qualquer olhar, o ponto de referência estaria no centro do país, São Paulo e Rio de Janeiro marcariam o que seria diferente ou não, a modernidade *versus* atraso, o arcaico opondo-se ao novo, a falta de raiz. A imprensa fomentava o estigma apoiado na imagem do nordestino enquanto povo flagelado, faminto, fanático em sua religiosidade, e também violento.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Como vimos, desde o final do século XIX a diferenciação entre norte e sul já era presente nos discursos baseados no paradigma naturalista que passava pela discussão de raça e meio social, reafirmando as diferenças regionais. Oliveira Vianna, Paulo de Moraes Barros e Dionísio Cerqueira atuaram nesse sentido, classificando o nordestino como uma formação racial degenerada física ou intelectual, a partir de sua “ciência” que no lado oposto, projetava a superioridade de São Paulo, valorizando os seus elementos europeus: “A superioridade de São Paulo era natural, e não historicamente construída. O Nordeste era inferior por sua própria natureza, sendo o ‘bairrismo paulista’ uma lenda”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 44).

Foi em 1919, que o termo Nordeste foi utilizado oficialmente para designar o espaço de atuação da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), de maneira que o tema seca, desde o início, constituiu a imagem nordestina, passando a ser o problema de todas as províncias na Primeira República. Em ação política, na então capital federal no Estado da Guanabara, foi incluído na constituição de 1891 o artigo 5º que tornava obrigatório a ajuda as áreas de flagelos, quando a União deveria destinar verbas especiais a elas. O resultado dessa institucionalização da seca nordestina, aos poucos, garantiu espaço cativo no aparelho de Estado aos grupos políticos do Nordeste (ALBUQUERQUE JR, 1999).

O acirramento de interesses entre norte e sul, além das ações discriminatórias por parte do segundo que buscava excluir os agricultores do Nordeste no Congresso Nacional, fez com que em 1920, surgisse o Bloco do Norte, cujo objetivo era garantir espaço na política nacional. Uma das ações dos estados do norte foi a realização do Congresso de Produtores de Açúcar em Recife, no mesmo ano, onde se denunciava o sul com seus “privilégios em relação ao café”, manifestando um certo tom separatista.

Em 1924 foi fundado o Centro Regionalista do Nordeste, que promoveu ações de ordem cultural, classificada de tradicionalista e regionalista, e buscava estabelecer as raízes da região. Assim, aconteceu o Congresso Regionalista do Recife (1926) com caráter artístico-cultural e político, tendo a participação dos estados de Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, objetivando forjar o sentimento de “patriotismo regional”. Urgia parir as origens primitivas do nordestino, entendidas enquanto verdadeiras por parte de artistas e intelectuais vinculados a esse movimento cultural que a partir da invenção de uma tradição, estabeleceria um equilíbrio entre a nova velha e a nova ordem, com o objetivo de mudar algo, porém, mantendo as

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

tradições e perpetuando privilégios, rearticulando-as para novas finalidades, mas garantindo os lugares sociais estabelecidos.

O medo de não ter espaços numa nova ordem, de perder a memória individual e coletiva, de ver seu mundo se esvaír, é que leva à ênfase na tradição, na construção deste Nordeste. [...] Ao optar pela tradição, pela defesa de um passado em crise, este discurso regionalista nordestino fez a opção pela miséria, pela paralisia, mantendo parte dos privilégios dos grupos ligados ao latifúndio tradicional, à custa de um processo de retardamento cada vez maior de seu espaço, seja em que aspecto nos detenhamos. (ALBUQUERQUE JR, 1999, p.76)

Tais reflexões demonstram que a *invenção* do Nordeste ignorou sua diversidade cultural, a multiplicidade de figuras peculiares daquela região, foi reduzida a uma identidade única que buscava a essencialidade do nordestino, algo inatingível, um dado imaterial de grande valor e riqueza, Albuquerque Júnior (1999, p.316) afirmou: “existem diferentes formas de ser nordestino”. Assim, a redução da cultura nordestina projetava dificuldades aos migrantes que fugiam das suas precárias condições de vida. A ideia de flagelados miseráveis e violentos fomentava preconceitos e estigmas sobre o nordestino, na engrenagem do processo cultural e político que contribuiu para forjar os estereótipos, especialmente quando chegavam as zonas migratórias receptivas, como no Triângulo Mineiro.

É importante reconhecer que a problemática da identidade não é um dado claro e de fácil identificação, tal categoria não é essência imutável, mas ao contrário, tem caráter móvel e está claramente ligada à diferença, de maneira que identidade e diferença são produzidas nas relações culturais: “A identidade e a diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva” (SILVA, 2009, p. 81).

Dessa maneira, estabelecer as diferenças entre *nortistas* e mineiros conformou a identidade do migrante que chegava a região do Triângulo Mineiro, e o simples fato de o indivíduo se originar na região nordeste já seria motivo para se levantar muros, hierarquizando-se a relação decorrente do encontro desses grupos culturais:

O preconceito quanto à origem geográfica é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato de pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província, de um estado, de uma região, de uma nação, de um país, de um continente considerado por outro ou outra, quase sempre mais poderoso ou poderosa, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, inóspito, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior. Estes

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

preconceitos quase sempre estão ligados e representam desníveis e disputas de poder e nascem de diferenças e competições no campo econômico, no campo político, no campo cultural, no campo militar, no campo religioso e nos campos dos costumes e das idéias. (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 11).

É possível inferir que a identidade nordestina dos migrantes foi reforçada quando da chegada deles no Triângulo Mineiro, mas em especial, ao saírem dos guetos e ousarem a ocupar espaços públicos destinados aos *estabelecidos*, como praças, vagas em concursos, postos de saúde e, sobretudo, nas instituições escolares, foco de nossas reflexões. Desde o princípio se estabeleceu uma visão preconceituosa em relação a eles, como veremos adiante.

Vidas Escolares e Itinerários Migratórios no Triângulo Mineiro

As trajetórias migratórias dos nordestinos tiveram grande impacto em suas vidas escolares no Triângulo Mineiro. É esse episódio dos processos migratórios que passaremos a dissertar, por meio de depoimentos obtidos ao longo de alguns anos de pesquisa^{ix} e que são representantes dos dois tipos de migrações registradas na região, vinculadas ao êxodo rural em massa, a partir dos anos de 1950, e a migração temporária, a partir dos anos de 1980.

Como vimos anteriormente, o fato de ser portador do estigma atrelado ao termo nordestino, historicamente construído a partir de um outro olhar sobre aquela região, seria um muro invisível instalado previamente entre os “de fora” e os “estabelecidos” nos locais aonde chegavam esses migrantes. As dificuldades eram imensas na dura realidade da seca do sertão nordestino, porém, a odisséia migratória não era menos desafiadora, a viagem era uma grande prova de resistência para homens, mulheres e crianças montados nas carrocerias de caminhões, conforme depoimento de migrante que chegara no Triângulo em 1958:

Não sei quantas família veio, mas veio umas... 40, 50 pessoas nesse caminhão com a família, família, não era... gente solteiro, se tinha, um ou dois. Era família. E nessa viagem, nós veio... dormindo na estrada, dormindo dentro desse caminhão, dormindo debaixo das árvore, dormindo, dormiu na beira do Rio São Francisco. É... comendo farinha com carne assada ou queijo. Fazendo um arroz com farinha, um feijão com farinha. Nove dia e meio até chegar aqui no Capinópolis! A viagem foi... por aí, sofrida demais. Em cima de um banco de madeira, um banco de pau em cima daquilo. Não tinha rodovia, não tinha estrada, era só buraco (PACHECO, 2013).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Após exaustivos dias de viagem, o migrante se defrontaria com a nova realidade em seu novo espaço. A condição de servidão por dívida era posta antes mesmo de embarcarem em sua terra natal, vejamos o depoimento de migrante que aportara em Minas, no ano de 1952: “Que tinha gente que ficava dois anos pra pagar a conta pro fazendeiro, porque o fazendeiro dava arroz, dava feijão, dava comida, e tudo e nunca que essa conta vencia (RIBEIRO, 2010).”

A questão da alimentação era recorrente nas falas dos colaboradores da pesquisa, uma memória ligada ao enfrentamento da fome:

Agora a alimentação era precária. [...] Eu lembro que eles matava vaca e falava pro meu pai assim... Aqueles mocotó da vaca, [...] o meu pai cortava aquilo com o machado, saía aqueles tutano [...] Minha mãe punha aquilo cozinha numa panela e tirava aquela banha por cima [...] e punha farinha e mexia até mesmo! E fazia nós comer. [...] Osso, osso de vaca, osso que hoje em dia vai pro lixo, [...] e antigamente era a comida que o nordestino tinha pra comer. (ARAÚJO, 2013).

A família de Araújo migrara no ano de 1953 para Minas Gerais. Além da alimentação precária, os locais de moradias nas fazendas também impactavam os migrantes que em muitos casos deveriam improvisar o seu teto ou aonde colocar a sua rede, como no depoimento de Carvalho (2010) que migrou no mesmo ano de Araújo: “Até arrumar a casa eles ficaram acampados dentro do curral, sabe. Armava a rede... assim. Nossa senhora!”. Também vemos o estranhamento cultural no depoimento de Borges (2013) que chegara no ano de 1960:

Aí a gente chegou lá (fazenda), nós nunca tinha visto a casa de pau-a-pique né, porque lá (Nordeste) nas fazendas tem, mas num é igual aqui. É, pode ser de pau a pique, mas eles é muito caprichoso, põe barro nas paredes, barreira, fica parecendo uma casa de tijolo, ninguém vê. Aí chegou aqui num tinha porta, as porta era os pau, tinha que entrar pra dentro e ficar passando os pau pra... (risos), então nós achou diferente demais (BORGES, 2013).

O trabalho era a prioridade para os migrantes nordestinos, tanto em sua terra de origem, quanto no novo destino. Na zona rural pra onde se encaminhavam muitas famílias de migrantes ou na cidade, a necessidade de contribuir para o sustento da casa interferia nos destinos da escolarização desses indivíduos, especialmente, dos meninos. ^x

É preciso ressaltar que os índices educacionais dos estados da região Nordeste eram piores do que as demais regiões brasileiras, como informa o levantamento do IBGE de que em 1950, apenas 4,97% da população acima de 10 anos tinha o ensino elementar completo, 1% terminava o

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ensino médio e 0,14% o ensino superior, em relação ao analfabetismo, 74,80% dos nordestinos eram analfabetos, enquanto que em Minas Gerais esse índice era de 61,76%.

A precária condição de vida da maior parte dos migrantes era o principal fator que afastava os seus filhos das instituições escolares, que nesse período eram em número insuficiente para atender a demanda até mesmo dos mineiros. Dessa maneira, cada ano de estudo agregado a realidade da infância migrante era uma vitória a ser comemorada, em alguns casos, os próprios fazendeiros organizavam a presença de um professor nas suas terras, como em depoimento de migrante que chegara em Minas Gerais no ano de 1950:

Mas ele (o fazendeiro) trouxe, levou da cidade aqui um professor que chamava-se Telésfolo Ribeiro, um professor que não lecionava mais, mas era um professor que lecionou no colégio Santa Tereza, é um ser inteligente, um véi muito inteligente, muito bom. Então ele lecionava pra nós lá na fazenda. Numa escola feito com tábua né? A casa lá feita de tábua, então as ruinhas ali, o círculo vizinho ali tudo, os meninos morava nas outras fazendas vinha. Tinha duas, duas aulas por dia, uma de cedo e outra na parte da tarde. Cedo era da fazenda, na parte da tarde era os outros né? Das outras fazendas (GOUVEIA, 2013).^{xi}

Mesmo existindo diversos relatos de migrantes que conseguiram se escolarizar, as dificuldades eram muitas, como vimos, a prioridade era o trabalho, sendo possível, as crianças frequentariam as escolas, com limitações é evidente:

Nós ia em cinco irmão pra escola, o caderno era um só pra nós cinco. O livro era um só pra nós cinco, certo. Era aquelas cartilha é... Eu esqueci o nome da cartilha, que uma coisa mais bonita que era. Não sei o que do povo. [...] Ia com um lápis, eu escrevia, depois ele escrevia. Não dava pra todo mundo (PACHECO, 2010).

Na seção anterior, vimos que os processos migratórios desde sempre fomentaram conflitos, tensões e também acomodações no encontro das culturas envolvidas, como aponta Albuquerque (2007, p.14):

Os processos migratórios e imigratórios, que já no passado ocasionaram tensões, conflitos e proporcionaram a emergência de preconceitos e visões pejorativas sobre dados grupos humanos e sobre os lugares de onde provinham, parecem ser, hoje, um dos principais motivos da emergência de visões preconceituosas e até mesmo racistas em relação a algumas populações.^{xii}

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A maior parte dos migrantes chegava em estado de penúria, no entanto, algumas poucas famílias se estabeleceram na cidade desde o início desse processo, trabalhando na atividade de agenciamento de seus conterrâneos e, por conseguinte, em condições melhores de vida, de maneira que seus filhos tiveram oportunidade de estudar em instituições privadas, vejamos:

Tinha aquela história, era quatro, três pagava, uma não pagava e mamãe foi trabalhando e pagando nosso estudo. Então nós estudamos a vida inteira em escola particular que era o Santa Tereza, uma escola de freira. (...) Fiquei um ano no Marden, mas eu não me adaptei com a escola, aí fui lá pro Machado de Assis. Aí lá eu fiz o segundo grau. (...) Nessa chegada minha, quando você vai pra uma escola que é de um nível aquisitivo alto, e também por você ser um migrante, havia uma pequena rejeição das pessoas em cima da gente. Então o nordestino era visto como um intruso nessa época. Então assim, o povo te olhava meio assim,... você se sentia um pouco assim de lado, entendeu. Até as pessoas adaptarem com você, te aceitar. eu acho que a gente... Eu sofri um pouco com isso. Entendeu, havia rejeição do mineiro em cima do nordestino (SANTOS, 2010).

A hierarquização dessa relação entre os nordestinos e os mineiros colocava os segundos em posição superior relativamente aos primeiros, mesmo que esses conseguissem certa condição social de situação material equivalente aos mineiros. Dessa maneira, o preconceito advinha da origem geográfica, sobre isso afirmou Albuquerque Júnior (2007, p.127): “Creio que as elites nordestinas, quando sofrem preconceito, esse advém exclusivamente da origem geográfica, no caso do nordestino das camadas populares, esse preconceito vai ser potencializado pelo preconceito de classe”.

Tal hierarquia começava a ser imposta a partir de critério étnico-cultural que os diferenciavam logo de início, quando estabeleciam diálogos no novo espaço, expondo seus modos de ser, seu sotaque peculiar:

A gente falava muito difícil, a gente já falava muito diferente dos outros, né. Aí nós falava, às vezes a professora falava assim: Vocês não fizeram os dever tudo hoje?” Não professora, nós não entendeu. Nós não entendeu, nós não sabe como fazer, não tem quem ajuda. “Vocês parece que não presta atenção! Tem que observar mais as coisas! Vocês tem que ser mais inteligente, não pergunta!” Mas nós não tinha quem ajudava nós, você entendeu? Era algum amigo que às vezes ensinava. A professora regulava muito da gente falar: Eu fui lá. “Nós não foi lá não, sô. Nós fomos lá”. Você entendeu? Então a gente... Você escutava, procurava aprender, tinha hora, que às vezes você nem falava nada com medo. Você tinha tanto medo de falar as coisas erradas, que você ficava calado tinha hora. “Sim. Sim senhora!”. “Você não ouviu direito, [...]?” “Não senhora, não entendi direito. O que a senhora falou mesmo?” Então o modo de falar já bem puxado, né. Bem diferente a linguagem deles. Mas eu acho assim, muito puxado (ARAÚJO, 2013).^{xiii}

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Vemos no depoimento que em muitos casos, as crianças filhos de migrantes incorporavam a ideia de que a sua cultura de origem seria *difícil*, estranha e até mesmo bizarra. A ideia de corrigir a fala do nordestino aparecia com frequência nos depoimentos dos sujeitos que vivenciaram os espaços escolares no Triângulo Mineiro, para Albuquerque Júnior (1999, p.157): “O sotaque, a escuta da voz podem ser um som familiar que aproxima as pessoas ou provoca estranhamento, separação. Ele funciona como um dos primeiros índices de identificação e também de estereotipia.” (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 157).

Assim, as reações a negação de suas características étnico-culturais nem sempre era aceita passivamente nos espaços escolares, de maneira que na relação entre o migrante (*os outsiders*) no espaço dos mineiros (*os estabelecidos*), as situações de enfrentamento se manifestavam com frequência:

Mas porque que nós brigava? Nós brigava muito, mesmo, era cada brigas horrorosas, de esquina, de correr, de tudo quanto era trem. Nós andava armado. (risos) [...] Nós apanhava muito por causa da nossas violências. Nós ia pra escola e deixava os porrete escondido. Mas é porque? Porque nós chegava... Nós, naquela época, chamar de nortista era xingar... Era chegar e eles ficava: “nortista, não sei o que”... Aí nós falava: Deixa! Aí se fazia alguma coisa: “Foi aquela nortista! Foi as nortista!” Tudo que acontecia nas escola, era os capeta do nortista! Aí os nortista era revoltado. (RIBEIRO, 2010).

Em outro depoimento também vemos a violência enquanto reação as tentativas de interdição dos filhos dos migrantes considerados diferentes nas escolas do Triângulo, a família desse indivíduo migrou no ano de 1953:

A escola era um pouquinho longe da minha casa. Aí ia eu, duas... eu a mais velha e a mais nova. Mais os vizinhos, as crianças que tavam indo. A gente ia, estudava, voltava. Tinha umas briguinhas na escola... Eu batia em menino... (risos) [...] Eu era custosa. Mas eu era custosa por quê? Porque eles mexiam comigo. [...] Eu saía da escola e tinha alguém escondido na estrada no meio do mato com máscara para me assustar. A hora que eu ia passar eles já pulava em mim, sabe. Aí eu pegava do mesmo jeito. Eu batia, porque eu ficava nervosa demais, não é? (OLIVEIRA, 2013)

A hierarquização dessa relação entre *estabelecidos* e *outsiders* (HALL, 2009) no Triângulo Mineiro tinha lógico que operava igualmente em outros espaços de destinos do migrante nordestino: a exploração de mão de obra farta e barata que deveria fomentar o desenvolvimento dessas regiões, realizando em grande parte, as atividades que os naturais delas rejeitavam, como no caso do

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

destocamento do cerrado em Minas Gerais. Nesse processo discursivo que se construiu a identidade do migrante nordestino nessa região mineira:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente construída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesma idade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (HALL, 2009, p.109).

Os anos se passaram e novas gerações de migrantes originários do Nordeste rumaram para o Triângulo, como vimos, a produção da cana-de-açúcar fomentou esse novo fluxo Nordeste-Sudeste-Nordeste. No pontal de Minas Gerais, em fins dos anos de 1990 e início do novo milênio, um grupo de nordestinos se destacou pelo expressivo número de migrantes, passando a ser sinônimo de todo indivíduo que migrava daquela região: “os alagoanos”, também chamados de “papa calango”. Assim, como os primeiros grupos predominantes originários dos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba, os alagoanos passaram a identificar todo nordestino na região, e seus filhos novamente, seriam personagens de embates culturais nos espaços onde passaram a frequentar, como as escolas, por exemplo.

Em projeto de extensão desenvolvido junto a 04 escolas de um município do Triângulo Mineiro^{xiv}, colhemos alguns depoimentos junto a profissionais do ensino básico que atendiam aos migrantes nordestinos, e percebemos certo discurso depreciativo em relação a essas crianças de forma direta e indireta, classificados como “menos capazes” intelectualmente ou de “difícil relacionamento” quando comparados aos mineiros, gerando atitudes preconceituosas no cotidiano escolar, influenciando situações de desprezo pela escola ou de revolta em relação a esses espaços, prejudicando ainda mais o seu aprendizado. Em muitos casos, os alunos migrantes, acompanhando o ritmo da safra da cana, chegavam as escolas com o ano letivo em andamento, e voltavam antes do término do mesmo, impactando a relação ensino-aprendizagem (SOUZA, 2011). Tal situação surgiu na fala de Gomes (2013), migrante alagoana de Teotônio Vilela e que chegara em 1993, tendo três filhas em Minas:

(...) sim, quando elas eram mais criança, muitas veze eu fui na escola porque... agora eles ficaram com medo... porque tem esse negócio de *bullying* agora... mas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de primeiro, eu sempre tava indo na escola porque eles discriminava... e olha que elas nasceram aqui, mas eles discriminava elas... ai sempre eu ia na escola, porque os meninos falava as coisas e elas não queria ir pra escola...

O Ministério da Educação realizou pesquisa (FIPEUSP, 2010) abrangendo gestores, professores, técnicos, estudantes, família, enfocando a relação entre um ambiente escolar discriminatório e o desempenho escolar dos alunos, e se concluiu:

A pesquisa produziu índices sobre discriminação, preconceito e distanciamento social relativo a determinados grupos (negros, idosos, moradores de áreas rurais, pobres, mulheres e homossexuais). As escolas com mais altos índices discriminatórios apresentaram um desempenho escolar pior, independentemente de características locais ou específicas (BORTOLINI, 2011).

Assim, o estudo da dinâmica social entre mineiros e nordestinos, especificamente, nos espaços escolares, passa pela observação da histórica hierarquização estabelecida há décadas, cujo critério na escala social, aponta para a origem dos indivíduos, colocando-os em arenas opostas, dando nova roupagem a esse conflito cultural.

Muitos migrantes chegavam ao Triângulo Mineiro com pouca ou nenhuma escolarização, já que desde o seu local de origem, a prioridade era o trabalho e quase sempre em idade precoce, em muitos casos continuava sendo no novo espaço, em bairros periféricos que ganhavam aspectos de guetos em função das redes de sociabilidade que estabeleciam entre si. Depois de adultos, uma parte dos migrantes buscavam as oportunidades de estudo em instituições próximas aos locais onde viviam, na maioria das vezes, passavam a frequentar a EJA, retomando seus estudos depois de constituírem família, vejamos:

... eu fiz a 5ª. e a 6ª., a 7ª. e a 8ª. e o 1º., faz cinco anos que eu voltei a estudar... eu to fazendo o EJA... é o 2º. e 3º.... tem uma lá que... eu conheci ela lá de Alagoas, nós começamos a estudar junto aqui... lá na sala... tem uns lá que atrapalha... até na sexta-feira... a gente foi reclamar pro diretor... a gente chega cansada do serviço ... e tem os que vai só pra conversar e fazer barulho neh... ai não presta atenção... (SOARES, 2013)

Soares (2013) revela em seu depoimento que sua identidade em Minas Gerais passava pela definição de “alagoana”, a marca que estabelecia a diferença e por consequência promoveu a hierarquia a partir de práticas discursivas bastante específicas a esse encontro cultural, assim, nos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

espaços escolares o estigma era sempre lembrado: “... mas antes eles diziam assim: - nossa! ... essa alagoana é toda alvoroçada, conversa demais, quando ela não viste ela faz falta... (SOARES, 2013)”

Elementos percebidos nas falas dos migrantes de outrora, são encontrados nos fluxos migratórios gerados a partir dos anos de 1980 e início dos 2000. A fome surge de forma avassaladora na fala de migrante que saiu de Pernambuco em 1979:

(...) no período de meu pai preso, minha mãe me criava com muita dificuldade, então eu passei muita fome, muita mesmo. Ia dormir sem ter o que jantar. Eu tinha uma vizinha que gostava de dar mingau de maisena pra filha na mureta da minha casa. E eu ficava olhando e a menina não queria comer e a mãe insistindo. E eu ali, morrendo de fome. Eu pensava: porque Deus manda comida pra essa menina e não manda pra mim? (SOUZA, 2008 *apud* ARAÚJO, 2008, p.57)

Em outro depoimento vemos o drama de quem toma a decisão de migrar, a situação-limite empurrava os indivíduos na aventura migratória em nome da sobrevivência: “Eu dei de graça minha casa, pra poder eu vim pra aqui... que eu já vim decidida... vou vender essa casa e aqui não volto nunca mais com meus filhos... nunca mais!!! ... Era difícil... Aqui nós está no paraíso... aqui nós é rico...(SILVEIRA, 2013)”

Também as condições da viagem continuavam precárias, mesmo que o tempo da viagem tivesse diminuído substancialmente (de 2 semanas para 3 dias), vejamos:

Hoje eu sou rico... quando eu olho pra trás eu sou o homem mais rico do mundo... eu sai de Alagoas pra aqui em pé dentro do ônibus até aqui [Minas]... 16 pessoas em pé dentro do ônibus de lá pra cá... tinha uma hora que eu cochilei em pé ... e cai dentro do corredor do ônibus de sono, mas tinha que vim trabalha senão morria de fome lá... não é sofrimento? (SANTANA, 2013)^{xv}

A questão da água também surgiu no depoimento de Souza (2008), um dos motivos por ter escolhido Uberlândia para se fixar, após um período na cidade de São Paulo:

Mas o que me chamou a atenção em ficar aqui foi, naquela época, as praças eram lavadas com carro pipa e eu vinha do Nordeste, onde a gente controlava água, lavava tudo com latinha. Eu falei: Olha, é pra cá que eu venho (risos). Essa abundancia de água, cidade calma, eu não vi também mendigo, morador de rua, pois em Fortaleza tinha muito. Aí eu falei: É aqui que eu vou ficar. [...] Olha, foi amor à primeira vista pela cidade de Uberlândia. Aqui quando cheguei em 1981 foi diferente de São Paulo. (SOUZA, 2008 *apud* ARAÚJO, 2008, p.61)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Além da água, o clima também era um desafio no processo de adaptação ao novo espaço, como vemos no depoimento de Soares (2013) que migrou em 2003 para o trabalho no corte da cana de açúcar:

... nossa isso aqui foi um susto neh... além de ser grande eu nunca tinha sentido frio... nós chegou aqui na época do frio, nos num tinha cobertor, nós num tinha roupa de frio... porque nos num sabia como que era aqui... ai eu tinha só um menininho... nossa mas tremia de frio... tudo tremendo... tudo tremendo... e agora? ... ai recebeu muita doação... nossa senhora, a gente rachou o corpo todinho ... o couro ficou tudo assim de rachado... ressecada... até hoje não acostumei... (SOARES, 2013)

Em outro depoimento, a migrante que se destinou inicialmente a São Paulo não conseguia se estabelecer financeiramente naquela cidade, mesmo tendo o nível médio o que a motivou buscar outro destino, encontrando então Uberlândia:

Saí de lá (Barreiras, Bahia) em 2003 e fui para São Paulo procurar emprego, fui atrás de emprego lá, mas tava difícil. Não consegui nada lá. [...] Fiquei 4 anos morando em São Paulo morando com meu irmão. Mas já tava querendo mesmo era querendo voltar pra Bahia porque já tava muito cansada. Pra “mim” sobreviver tava muito complicado e eu só tinha o ensino médio e exige mais coisa, faculdade e tudo e eu não tinha nada assim. Aí minha irmã me convidou pra vir morar aqui na casa dela, em Uberlândia. Ela falou: Vem, quem sabe você encontra alguma coisa aqui (OLIVEIRA, 2008 *apud* ARAÚJO, 2008, p.61).

Dois fatores importantes podem ser destacados nesse depoimento, a presença de um familiar da migrante na região – irmã residente na cidade de destino -, e principalmente, o fato de destacar em sua fala a falta de nível superior que a condenaria em trabalhos precários na cidade de São Paulo, de maneira que os nordestinos continuavam, assim, como nos anos de 1950, em déficit educacional quando se comparado as demais regiões brasileiras.

Destacamos outro dado que nos remete a ideia do preconceito étnico-cultural ainda existente nos dias atuais, de maneira que o nordestino, mesmo galgando posições de destaque socialmente, igualando-se aos estabelecidos (mineiros) e principalmente, ousando ocupar seus espaços de poder acabavam também sofrendo discriminação, é o caso da fala de uma professora universitária:

Eu já, e muito, aqui mesmo dentro da universidade. Por exemplo, quando eu fiz o Mestrado na Unicamp e terminei na UnB. [...] Porque, é assim, eles se sentem especiais, dentro do contexto acadêmico. Então, ah, era o pior preconceito que você

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

pode imaginar que é o preconceito velado, dos risinhos de quando você fala, de achar que você não vai conseguir. O esforço nosso é triplo porque você acaba tendo que ser o melhor em tudo, melhor que os outros entendeu? [...] Eu sofri muito na UnB essa questão do preconceito, e não fui eu só não. Eu acho que ainda existe, aqui dentro mesmo na UFU (SILVA, 2008 *apud* ARAÚJO, 2008, p.66).

A ideia de nordestino flagelado, miserável, causador de situações vexatórias, perigoso, devendo ser mantido a distância, perpassou gerações, e continuou a se manifestar com os novos grupos migrantes vindos daquela região, vejamos no depoimento de Silva (2008 *apud* ARAÚJO, 2008, p.81):

Eu estava em uma loja comprando, aí chegou uma senhora com uma criança nos braços e outro senhor. E a moça que estava me atendendo me pediu para aguardar um pouco porque ela ia despachar aquele povo que estava entrando na loja. Aí ela foi, despachou e eu não entendi na hora o porquê, aí depois ela voltou e me disse assim: “eu fui lá pra despachar esse povo porque eles tão com cara de ser nordestino e eles entram assim e não compram nada, só querem roubar”.

Percebe-se pelos depoimentos que o enfrentamento da herança discriminatória erguida na relação entre os migrantes nordestinos e os estabelecidos nos locais aonde chegaram foi constante no movimento de resiliência dos primeiros.

Considerações Finais

É preciso reafirmar que a identidade do nordestino nasce no Triângulo Mineiro ou nos outros espaços que aportavam com seus hábitos e costumes peculiares, até então, eram apenas paraibanos, baianos, alagoanos ou rio-grandense do norte. Nestes espaços de destino que se forjaram os novos papéis e se normatizou a hierarquia social ou a colocou em cheque gradativamente, alterando-se as relações desses sujeitos sociais.

Como demonstrou Albuquerque Júnior (1999, p.314): “O que se chama hoje de ‘cultura nordestina’ é um complexo cultural, historicamente datável.”, assim, também a diversidade das relações estabelecidas entre os migrantes e os mineiros foi de grande complexidade, alterando-se permanentemente.

O migrante nordestino no Triângulo Mineiro, assim como em outras regiões brasileiras, foi utilizado em diversas frentes de trabalho enquanto mão de obra abundante e barata, de maneira que era tolerado como força de trabalho, no entanto, em muitos espaços nem sempre eram bem-vindos,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

e os atritos e enfrentamentos surgiam com frequência, como no comércio, em espaços de lazer e escolas.

Algumas ações eram reações as discriminações vividas no cotidiano dos migrantes, como a criação da Associação da Colônia Nordestina nos anos de 1960 na cidade de Ituiutaba-MG, cujo presidente Cristóvão José de Ribamar se elegeu a vereador nas eleições de 1962, bem como a criação da ANUDI (Associação dos Nordestinos em Uberlândia), fundada em 1989, cujo objetivo era a construção de um espaço onde as práticas culturais dos migrantes poderiam ser recriadas como forma de preservar sua identidade étnico-cultural.

É preciso salientar que as duras condições de vida dos migrantes eram decisivas para determinar ou não seu acesso e de seus filhos as instituições escolares no Triângulo Mineiro. A necessidade de sobrevivência, com a prioridade no trabalho, além das interdições e resistências ao jeito de ser dos nordestinos eram fatores de expulsão das escolas, muito embora, o enfrentamento e a resiliência de muitos deles colaborava para a aceitação dos nordestinos nas instituições escolares, fomentando, em alguns casos, a construção de escolas de convivência e diálogo diante da diversidade de sujeitos portadores de concepções até mesmo antagônicas, mas que passaram a entender a educação como direito e a escola como espaço público. Por fim, é preciso compreender que:

Somos um país de nômades e migrantes, como somos e fomos desde o principio um País de degradados, desterrados, aventureiros, imigrantes, sertanistas, deportados e seqüestrados, o que nos tornou este País e esse povo aberto e receptivo a todos os que chegam, venham de onde vierem, mas que também marcamos a todos com estigmas, estereótipos ou preconceitos, maneira de lidar com estas diferenças, de torná-las compreensíveis, de reduzir o estranhamento, de domar o medo do desconhecido, que podem não aparecer como grandes movimentos xenófobos ou racistas organizados e militantes, mas que envenenam nosso dia-a-dia e se manifestam e explodem, muitas vezes na pequena querela do cotidiano. (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 87-88).

Assim, nossa proposta de investigação da relação entre migrantes nordestinos e escolarização nessa região mineira objetivou a valorização da diversidade étnico-cultural, buscando superar a invisibilidade dos *outsiders* frente a história *estabelecida* (HALL, 2009), já que muito da riqueza local foi construída pelas mãos dos nordestinos, esses homens e mulheres desterrados e que buscaram burlar o vazio de *um chão, um riso, uma voz familiar* e que *ressoam incessantemente*, como escreveu Drummond.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. Fontes orais. In: PINSKY, C. B. et al. (Org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar. As fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007.

ARAÚJO, Ilze A. EXPERIÊNCIAS DE MIGRANTES NORDESTINOS EM UBERLÂNDIA: estranhamentos, preconceitos e estratégias de pertencimento. *Trabalho de Conclusão de Curso*, Curso de História-UFU, Uberlândia-MG, 2008.

BACELAR, Winston K.A. *Os Mitos do Sertão e do Triângulo Mineiro: as cidades de Estrela do Sul e de Uberlândia nas Teias da Modernidade*. Uberlândia: Comoser, 2003.

BRITO, J.; REIS, L. Mapeamento das Áreas de Conversão do Uso da Terra para Cana-de-Açúcar na Mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba-MG. *Revista Caminhos de Geografia*. Uberlândia v. 13, n. 41 mar/2012 p. 170–186.

CARVALHO, E.R. Transformações socioterritoriais do capital sucroalcooleiro em Iturama, Pontal do Triângulo Mineiro. *Dissertação de Mestrado – UFU*, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009, pp. 1-192.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009.

MANO: Marcel. Índios e negros nos sertões das minas. Contatos e identidades. *Revista Varia Historia*, Vol.31, n.56, mai-ago/2015, UFMG, Belo Horizonte.

MEDEIROS, José A.B. de. *Seridó*. Brasília, 1980.

NÓBREGA, Ricardo. “Cultura, Política, Memória e Subjetividade ‘Baianos’ e ‘paraíba’: notas sobre a discriminação contra migrantes nordestinos”. *Anais - XIII Congresso Brasileiro de Sociologia*, 29 de maio a 1 de junho de 2007, UFPE, Recife (PE).

POMPEU SOBRINHO, Thomaz. *História das Secas (Século XX)*. Assembleia Legislativa do rio Grande do Norte, Fundação Guimarães Duque, Escola Superior de Agricultura de Mossoró, Coleção Mossoroense, Séria “C” Vol. CCXXVI, 1982.

PROUS, André. *O Brasil antes dos Brasileiros: a Pré-história de nosso país*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

SILVA, Antonio P. da. *As Histórias de Uberlândia*. Uberlândia-MG, 2001.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SILVA, Dalva M.de O. Memória: Lembrança e Esquecimento. Trabalhadores Nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro (Décadas de 1950 e 1960). *Dissertação de Mestrado*: PUC-SP. 1997.

SILVA, Jóbio B. Colégio Comercial Oficial de Ituiutaba: reflexões sobre a história da educação profissional pública no pontal do Triângulo Mineiro (1965-1979). *Dissertação de mestrado*. PPGED-UFU, Uberlândia, 2012.

SILVEIRA, Daiane de L. S. Migrantes Nordestinas e Escolarização no Pontal Mineiro (1950 e 1960): Desafios, Resistências, Embates e Conquistas. *Dissertação de mestrado*. PPGED-UFU, Uberlândia, 2014.

SOUZA, Sauloéber T. Diversidade Étnico-Cultural e Educação no Pontal de Minas Gerais. *Revista Horizontes*, USF, Vol.29, no.2, Jul-Dez/2011, pp.93-107.

_____. Educação Escolar e Processos Migratórios no Pontal Mineiro (Décadas: 1950 A 1990). *Cadernos de História da Educação*, UFU-Uberlândia-MG, v. 11, n. 2, jul-dez/2012.

Depoimentos (nomes fictícios):

ARAÚJO, L. S.: Entrevista realizada em Ituiutaba-MG, julho/2013

BORGES, M. F.: Entrevista realizada em Ituiutaba-MG, jan/2013.

GOMES, I.A.: Entrevista realizada em Monte Alegre-MG, julho/2013.

GOUVEIA, C.: Entrevista realizada em Capinópolis-MG, abril/2013.

OLIVEIRA, F. M.: Entrevista realizada em Ituiutaba-MG, abril/2013.

PACHECO, L. B.: Entrevista realizada em Ituiutaba-MG, abril/2013.

RIBEIRO, J.C.: Entrevista realizada em Ituiutaba-MG, abril/2010.

SANTANA, C.V. Entrevista realizada em Capinópolis-MG, fev/2013.

SANTOS, A.Z.: Entrevista realizada em Ituiutaba-MG, mar/2010.

SILVEIRA, M.Q.: Entrevista realizada em Monte Alegre-MG, julho/2013.

SOARES, A.N.: Entrevista realizada em

ⁱ O romance *O Quinze* de Raquel de Queiroz faz referência a região Amazônica como destino popular para os migrantes nordestinos que fugiam do flagelo da grande seca de 1915: “E se não fosse uma raiz de mucunã arrancada aqui e além, ou alguma batata-branca que a seca ensina a comer, teriam ficado todos pelo caminho, nessas estradas de barro ruivo, semeado de pedras, por onde eles trotavam trôpegos se arrastando e gemendo (...)” (QUEIROZ, 2004). Outras obras literárias abordam a luta do homem nordestino frente as intempéries climáticas que assolaram a região, tais como *Os Retirantes* (1879) de José do Patrocínio, *A Bagaceira* (1928) de José Américo de Almeida, *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos, *Morte e Vida Severina* (1955) de João Cabral de Melo Neto, entre outros.

ⁱⁱ Sobre esse conceito assim afirmou Kreutz (1999, p.80): “A identidade étnico-cultural não é uma realidade muda, ela é fonte de sentido e de construção do real, mesmo se marginalizada. Os processos culturais são conflitivos e, em cada etnia, há uma história de luta pela determinação de suas metas e valores.”

ⁱⁱⁱ Segundo Prous (s/d, p.07): “Quando se estudam os habitantes do Brasil antes da chegada dos portugueses, é preciso inicialmente lembrar que o país é uma criação política recente, cujas fronteiras atuais não correspondem a limites entre as populações pré-históricas, exatamente como hoje existem índios Guarani tanto em parte do Brasil quanto no Paraguai. Durante um bom período da pré-história, os moradores da bacia amazônica devem ter sido muito mais isolados das populações do Sul brasileiro que estes dos grupos que ocupavam os pampas argentinos.”

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

^{iv} Sobre a colaboração entre indígenas e quilombolas no Triângulo Mineiro assim afirmou Mano (2015, p.524): “Área de ocupação e perambulação do “gentio Cayapó”, esses quilombos parecem não ter sido atacados, como de costume era o que faziam esses índios com seus outros. Ao contrário, há indícios de ter havido trocas mútuas, ações conjuntas e alianças entre os “gentios” e os “calhambolas”.”

^v Segundo os registros mais remotos, a origem do nome Sertão da Farinha Podre originou de expedição de 1807 rumo ao Goiás, quando os “entrantos” marcaram o caminho, depositando alimentos secos no chão para orientar o seu retorno, assim, ao desenterrarem os fardos de farinha de milho próximo a um ribeirão, os encontraram apodrecidos (BACELAR, 2003).

^{vi} A ligação entre as regiões do Triângulo Mineiro e o Nordeste pode ser bastante remota, ligadas ao garimpo no Rio Tejuco ao longo dos anos de 1930, trazendo alguns migrantes pioneiros, porém, a migração em massa acontece mesmo a partir dos anos de 1950 e 1960, com o advento das excursões para o nordeste, organizadas por donos de pensões e agenciadores (SILVA, 1997).

^{vii} Para o historiador Durval Albuquerque Júnior (1999, p. 152): “A melhoria dos transportes e dos meios de comunicação, como: correios, jornais de circulação nacional e, principalmente, a presença do rádio como o grande veículo de comunicação de massas desde a década de trinta, torna as notícias das oportunidades no Sul, constantemente propagandeadas por governos e instituições interessadas na atração desta mão-de-obra, um estímulo crescente para a migração”.

^{viii} Em seu início, a partir dos grandes fluxos dos anos de 1950, era muito comum os homens migrarem sozinhos e após se estabelecerem na região mineira, mandavam buscar seus familiares, contudo, esse perfil se alterou com o fenômeno da migração temporária, quando a maior parte passou a ser constituída por homens (solteiros ou casados) que deixavam suas famílias no Nordeste e após o fim da safra retornavam para seu local de origem, movimento facilitado pelos avanços nos meios de transportes.

^{ix} Coletamos cerca de 3 dezenas de entrevistas entre os anos de 2010 e 2014, em cidades do Triângulo Mineiro e também dos estados nordestinos de Rio Grande do Norte e de Alagoas. Utilizamos algumas nesse artigo, as demais foram utilizadas em outras publicações decorrentes das atividades dos projetos “Migração e Educação Escolar em Ituiutaba: Reflexões sobre a Dinâmica Cultural entre Tijucanos e Nordestinos” e “Educação Escolar e Migração no Pontal Mineiro: A “Escola Municipal Nadime Derze Jorge” como espaço Multicultural” (FAPEMIG, 2011), edital com interface entre extensão e pesquisa, e o projeto de pesquisa “Das Alagoas às Gerais: Migrantes Nordestinos e Escolarização no Pontal do Triângulo Mineiro (anos 1950 a 2000)” apoiado pelo CNPq (2009-2012), e também em textos de TCC’s e Mestrado decorrentes deles. Os nomes dos entrevistados são fictícios buscando atender a política do Comitê de Ética da instituição (protocolo número 15361113.7.0000.5152), preservando a identidade dos mesmos.

^x O acesso a escola por parte dos migrantes variava de acordo com o gênero, de maneira que, em geral, as meninas e mulheres avançaram na escolarização relativamente aos homens muito ligados as atividades laborais extremas, dificultando a frequência a escola. Para saber mais veja: SILVEIRA, D. de L. S.; SOUZA, S. T. de. Relações de gênero e acesso à educação: migrantes nordestinos no pontal mineiro (1950-1960). *Cadernos PAGU*, v. 1, p. 1-36, 2019.

^{xi} E sobre a estrutura física da escola da fazenda em que estudou Ribeiro (2010) afirmou: “Era tudo junto dos que aprendia a ler até a quarta série. Não tinha sinal, não tinha nada, né. [...] As escolas, também era de chão batido. [...] E as paredes da escola, tudo de madeira. E os pais dos alunos é que sempre vinham dar uma reforma na escola, dar uma ajudadinha nas coisas. E aí a professora batia uma palma, aquela palma era pra saber que tava... Pra nós nos preparar pro recreio (RIBEIRO, 2010).

^{xii} Sobre o estranhamento étnico-cultural, assim afirmou um dos depoentes: “Rapaz, os mineiro de primeiro quando chegava lá, os mineiro achava que nós não era brasileiro não. [...] Aquilo era tudo cismado... cismado! [...] Os primeiro que foi, que nem o tio meu, embarcado num navio pro Rio de Janeiro, [...] ai é que... nesse tempo é que eles achava que os nortista não era brasileiro não meu fio... (FEIJÓ, 2011)”. E também no depoimento de Gomes (2013): “Eu me sentia assim... num sei... assim muito... com vergonha, ... não sabia falar, não sabia conversar com os outros, entendeu?... pessoa ignorante... ai fui pegando amizade, eu fui conversando, encontrei muita gente boa aqui...”

^{xiii} A situação inversa também foi revelada no depoimento de Gomes (2013) que em visita a Alagoas com sua filha nascida em Minas assim falou sobre o estranhamento entre as culturas: “... ai ela falava o sotaque daqui [Minas] eles achava bão... eles ria... eles acha diferente, bonito neh... ai as veze também ela falava alguma coisa ai eles falava: - nossa se fala errado demais... muito feio o que você fala... não é desse jeito... eles corrigia neh...”

^{xiv} Projeto de extensão intitulado “Migração e Educação Escolar em Ituiutaba: Reflexões sobre a Dinâmica Cultural entre Tijucanos e Nordestinos” desenvolvido na cidade de Ituiutaba-MG, com apoio da FAPEMIG.

^{xv} E também: “Tinha canto que só era mato, mato, mato... pra não passar nos posto policial... tinha medo neh... diz o povo... eu não sei não... mas que os ônibus era... tipo clandestino... ficava preso na Bahia...(SOARES, 2013)” Em outro depoimento, Silveira (2013) relatou sua saga para vir com seus filhos: “Eu vou pra lá [Minas] meu marido tá lá, por que

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que eu não vou? ... Só tem seis filho ... só tem uma vaga... o que você vai fazer com seis meninos? ... vai tudo numa móia... tudo pequenininho, num tinha um maior do que o outro... o meu maior ele tinha 14 anos, o meu mais veio... mas num era ninguém não... era deste tamanho... mas eu sofri tanto no caminho... teve um momento que eu queria pegar os dois meninos que eu trazia nos braços e jogar... de tanto que eu sofri... os dois pequenos eles só mamava... e os outros eu comprava um marmitex e dividia um pra dois... na hora de dar banho era um Deus nos acuda!!!”